

“Adeus, verde esperança!”: integralismo e a morte de Plínio Salgado

"Goodbye, green hope!": brazilian integralismo and the death of Plínio Salgado

*Odilon Caldeira Neto**

RESUMO: O artigo analisa as disputas e estratégias políticas dos integralistas ao longo da ditadura civil-militar que teve início em 1964. A análise enfatiza, em particular, as relações entre os integralistas, a liderança de Plínio Salgado e os impactos da morte do líder integralista em 1975. A hipótese central levantada é que o absoluto respeito à liderança, assim como o culto à personalidade de Plínio Salgado, enfraqueceram as iniciativas relativamente autônomas dos integralistas, seja no contexto autoritário, bem como durante o processo de transição democrática.

Palavras-chave: Integralismo. Plínio Salgado. Ditadura civil-militar

ABSTRACT: This paper analyzes the clashes and the political strategies of the brazilian Integralists throughout the last dictatorship in Brazil. The analysis emphasizes, in particular, the relations between the Integralists, the leadership of Plínio Salgado and the impacts of the death of the integralist leader occurred in 1975. The central hypothesis is that, the absolute respect for leadership, as well as Plinio Salgado's personality cult, weakened the organization of the Integralists in other groups in the authoritarian context, as well during the process of democratic transition in Brazil.

Keywords: Integralism. Plínio Salgado. Dictatorship

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL). Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (PPGH-UFSM – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil). Autor de “*Sob o Signo do Sigma: Integralismo, Neointegralismo e o Antissemitismo*” (Editora Universidade Estadual de Maringá, 2014). E-mail: odiloncaldeiraneto@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

1. Introdução

O movimento integralista, importante referencial do autoritarismo e conservadorismo no Brasil, protagonizou duas fases principais em termos institucionais, todavia em momentos bastante distintos: o período de entreguerras e em parte do pós-guerra. Entre 1932 e 1937, sob o lema “Deus, Pátria e Família”, a Ação Integralista Brasileira (AIB) consolidou-se como a primeira organização de massa da história política nacional, assim como principal organização de inspiração fascista além do continente europeu. Entre os anos 1945 e 1964, o Partido de Representação Popular (PRP) foi a principal organização a agregar os integralistas até o golpe que instaurou uma ditadura civil-militar.

Ainda que o PRP não tivesse amplitude política equiparável à da AIB, foram essas as duas principais organizações efetivamente controladas por integralistas. Já ao longo do período de exceção iniciado em 1964, o integralismo aprofundou a condição de coadjuvante político, inclusive no campo da direita radical. Após 1975, com a morte de Plínio Salgado, os integralistas passaram a disputar o seu legado, por meio de caminhos diversificados, convivendo também com o processo de abertura política.

Durante a ditadura, os integralistas assumiram posições diversificadas. Nos momentos iniciais, inclusive na preparação da escalada do golpe, obtiveram, se não protagonismo, posição de articulação, fosse na composição do aparelho golpista e suas relações político-militares, mas também na estruturação do regime político em si¹. Assim, alguns líderes, militantes e ex-militantes integralistas transitaram entre as posições de observadores do jogo político, da participação por meio da atuação parlamentar junto à Arena² (Aliança Renovadora Nacional), ou mesmo em posições na burocracia estatal.

Ao longo desses três capítulos da trajetória institucional integralista, é possível observar a permanência de um discurso conservador e autoritário característico desde a

¹ Sobre esse assunto, cf. CALIL, Gilberto. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, 2005; BERTONHA, João Fábio. Plínio Salgado, os integralistas e a ditadura militar: os herdeiros do fascismo no regime dos generais (1964-1975). *História e Perspectivas*, v. 24, n. 44, 2011, pp. 427-449; BERTONHA, João Fábio. Os integralistas pós-1945. A busca pelo poder no regime democrático e na ditadura (1945-1985). *Diálogos*, v. 13, n. 1, 2009, pp. 63-82.

² Aliança Renovadora Nacional (1966-79), principal órgão político-partidário de sustentação do regime militar.

fase germinal, o apelo ao nacionalismo orgânico, assim como a contrariedade às reivindicações e plataformas político-institucionais da esquerda – em especial às tendências mais revolucionárias. Logo, ser (ou persistir) integralista implicaria a permanência de um certo “quórum ideológico” fundamental. Isto não impossibilitava, no entanto, que fossem empreendidas eventuais modificações ao longo dos anos, fosse em termos ideológicos, políticos ou mesmo de uma narrativa sobre o próprio passado.

Apesar das continuidades, a relação entre a memória e a história, para os integralistas, pode ser interpretada como um movimento pendular, ora salvaguardando os “atos heroicos” de um passado recente, em outros momentos enquadrando o esquecimento de aspectos controversos. A relação com os movimentos fascistas europeus, o papel do antissemitismo no integralismo em sua primeira fase, assim como seu caráter totalizante, eram elementos problemáticos constantes para líderes e militantes integralistas, que buscavam se adequar às modificações do sistema representativo e do campo político brasileiro³, fosse em regimes democráticos ou em contextos discricionários.

Ao passo que a atuação integralista após a AIB foi permeada por esquecimentos, silenciamentos e “explicações” do passado fascista, as lembranças também foram fenômenos constantes. Inclusive para tutelar a filiação a um passado grandiloquente no campo das experiências, mas sobretudo para enunciar um horizonte de expectativas. Assim, o integralismo permaneceria como alternativa política constante. Tanto em termos institucionais quanto como referencial ideológico para a direita brasileira, uma espécie baluarte de um substrato essencial.

Um aspecto de continuidade e elemento de interação entre passado, presente e futuro, para os integralistas remanescentes da primeira geração, assim como para os fiéis à “doutrina do Sigma” ao longo do regime militar, era a liderança de Plínio Salgado até o momento de sua morte. Embora o integralismo não fosse reduzido exclusivamente ao escrutínio de Plínio Salgado, essa relação pode ser explicada a partir de duas condições.

³ Parte dessa questão é discutida em trabalhos como VICTOR, Rogério Lustosa. *O labirinto integralista: o PRP e o conflito de memórias (1938-1962)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Goiás, 2012; CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. *A Enciclopédia do Integralismo: lugar de memória e apropriação do passado (1957-1961)*. Tese (Doutorado em História), Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2010.

Em primeiro, Plínio Salgado era a principal liderança integralista remanescente desde a fundação da AIB, sendo o principal re-articulador do integralismo no pós-guerra e liderança do PRP, assim como o elemento crucial para a composição das circularidades do conservadorismo, sobretudo entre Brasil e Portugal⁴ e também na América Latina.

Além disso, por mais que no integralismo tivesse coexistido outras lideranças – fosse nos tempos de AIB⁵, ou mesmo do PRP⁶, era em Plínio Salgado que residia a figura do “Chefe Nacional”, substanciando uma relação de elo com o passado integralista (mesmo em sua dinâmica pendular) e, principalmente, a continuidade do culto à liderança carismática que projetaria um futuro alternativo.

Nos anos 1930, a presença de outras lideranças intelectuais no movimento integralista e em sua alta hierarquia, incentivava uma multiplicidade de perspectivas, aumentando a capilaridade no campo da direita radical. Na alta hierarquia da AIB, Gustavo Barroso simbolizava a perspectiva antissemita, conspiratória e mais radical, ao passo que Miguel Reale compunha a tendência mais afeita à estruturação do Estado Corporativo de inspiração no fascismo italiano. Plínio Salgado, por sua vez, personificava a tendência que dialogava com o conservadorismo, o autoritarismo e, especialmente, as correntes mais espiritualistas e católica do próprio integralismo.

No período do PRP, a despeito da permanência de importantes nomes do integralismo dos anos 1930 como Raymundo Padilha, é a tendência atrelada à liderança de Plínio Salgado que irá se estabelecer como referência fundamental. Nesse ponto, é

⁴ Em relação às circularidades e trocas ideológicas entre Brasil e Portugal no ideário político de Plínio Salgado, cf. GONÇALVES, Leandro Pereira. *Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017.

⁵ Ao longo da Ação Integralista Brasileira, Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale compuseram a tríade chefia e referencial teórico ideológico. É possível auferir que essas tendências compunham, também, interpretações diversificadas (mas não necessariamente antagônicas) aos processos históricos, assim como outras questões relacionadas ao integralismo, como o modelo corporativo de Estado. De modo geral, enquanto Gustavo Barroso notabilizava-se como tendência mais radical e antissemita do integralismo, Miguel Reale era o principal idealizador do aparato estatal e formas de representação e organização dos trabalhadores, assim como Plínio Salgado compunha a base espiritualista (cristã) e conservadora do integralismo (cf. GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. Brazilian Integralism and the Corporatist Intellectual Triad. *Portuguese Studies*, v. 32, n. 2, 2016, pp. 225-243; BERTONHA, João Fábio. The corporatist thought in Miguel Reale: readings of Italian fascism in Brazilian integralismo. *Revista Brasileira de História*, v. 33, n. 66, July/Dec. 2013, pp. 225-242).

⁶ Ao lado de Plínio Salgado, Raymundo Padilha foi figura de proa na organização do integralismo em tempos de pós-guerra. Cf. OLIVEIRA, Alexandre Luís de. *Do integralismo ao udenismo: a trajetória política de Raymundo Padilha*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

possível delinear duas hipóteses complementares. Em primeiro lugar, o fato que as perspectivas sintetizadas em Miguel Reale e Gustavo Barroso estavam mais afeitas, em termos ideológicos, às evidências do fascismo histórico, sendo aspectos problemáticos para o integralismo a partir de 1945.

Além disso, a partir da segunda fase institucional, os dois ex-líderes integralistas traçaram caminhos alternativos à liderança de Plínio Salgado e ao próprio integralismo. Desse modo, coube a Plínio Salgado articular o referencial da liderança integralista dos anos 1930, assim como as reformulações empreendidas após o exílio em Portugal e do término da “era fascista”, sacramentando a posição de principal referência e continuidade integralista até o momento de seu falecimento.

Logo, o integralismo e sua história após a Ação Integralista Brasileira confundem-se com Plínio Salgado. Era Plínio Salgado que personificava a figura de liderança política, ideológica e sentimental para os integralistas, assim como quem estruturava os caminhos a seguir, inclusive em termos de relações no campo político. A isso, valia-se não apenas da ritualística oriunda do entreguerras, mas sobretudo essa continuidade até o final de sua vida.

2. Os integralistas, o regime militar e a morte de Plínio Salgado

Em 1964, Plínio Salgado foi um dos oradores das “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, realizada na capital paulista. O evento organizado inicialmente pela “Campanha da Mulher pela Democracia” (CAMDE)⁷, possibilitou a articulação de organizações que partilhavam uma cultura política conservadora e autoritária para além de instituições partidárias, o que sinaliza, também, a grande diversidade do campo da direita radical no período.

A crítica às medidas do governo João Goulart, o sentimento e paranoia anticomunista, assim como o clamor às Forças Armadas, eram tônica de uma contestação antidemocrática com ressonância popular, mas que também abria espaços para a articulação de forças do campo político, fosse de organizações como a TFP (Sociedade Brasileira em Defesa da Tradição, Família e Propriedade) ou dos próprios

⁷ CORDEIRO, Janaína Martins. *Direitas em movimento: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

integralistas. Diversos membros do PRP utilizavam o plenário federal para contestar a legitimidade do Presidente ou para denunciar uma suposta conspiração comunista em andamento no país.

Assim, ao longo de mais uma onda anticomunista⁸, de um discurso nacionalista e conservador e de uma ruptura institucional, os integralistas encontraram um ambiente propício para atuação, inclusive em meios editoriais, especialmente pela editora “Edições GRD” (de Gumercindo Rocha Dórea), que publicava livros integralistas, mas também de demais autores do universo anticomunista, inclusive com suporte internacional⁹. Nesse ínterim, embora o PRP tivesse efetivado o discurso e uma roupagem democrática no movimento pendular das memórias integralistas, a adesão dos líderes e militantes à tentação antidemocrática foi quase imediata. Entre a democracia e o autoritarismo, a escolha integralista foi pela segunda via.

Consumado o golpe e o regime militar, Plínio Salgado passa a buscar evidências de elementos integralistas na composição da “Revolução” e da natureza do regime que se iniciava. Conforme afirma João Fábio Bertonha¹⁰, para além do discurso superestimado do líder integralista, diversos ex-militantes participaram em posições de alguma importância no desencadeamento do golpe, assim como dos esboços da ossatura do regime de exceção. Miguel Reale, por exemplo, era um dos participantes do “complexo IPES/IBAD”¹¹. Isso, contudo, não implicou em uma transformação do regime militar em regime integralista (como seria do interesse do antigo líder dos camisas-verdes), mas sobretudo a evidência dos laços de socialização existente ao longo das últimas décadas, entre antigos militantes e intelectuais integralistas.

A principal plataforma de atuação do líder integralista durante a ditadura civil-militar foi como congressista. A partir da instalação do bipartidarismo, por meio do Ato Institucional n. 2, o líder e demais membros do PRP seguiram o rumo esperado em torno da dualidade dos partidos políticos. A Aliança Renovadora Nacional (Arena) passa

⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A “indústria” do anticomunismo. *Anos 90*, n. 15, 2001/2002, p. 71-91.

⁹ Cf. OLIVEIRA, Laura de. *Guerra Fria e política editorial: a trajetória da Edições GRD e a campanha anticomunista dos Estados Unidos no Brasil (1956-1968)*. Maringá: EDUEM, 2015.

¹⁰ BERTONHA, João Fábio. Plínio Salgado, os integralistas e a ditadura militar: os herdeiros do fascismo no regime dos generais (1964-1975). *História e Perspectivas*, v. 24, n. 44, 2011, pp. 427-449.

¹¹ O Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) foram instâncias de grande importância para a articulação golpista entre intelectuais, militares, classe dirigente e sociedade civil— Cf. DREIFUSS, René A. *1964 – a conquista do Estado*. Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis (RJ): Vozes, 1981

a ser o porto de articulação partidária integralista, em oposição ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que congregava grande parcela de políticos da oposição. Na Arena, o líder integralista exerceu dois mandatos como Deputado: 1967-1971 e 1971-1974.

Embora Plínio Salgado tenha permanecido em atividade legislativa, inclusive com alguma evidência em alguns momentos cruciais da ditadura – sobretudo nas escaladas autoritárias¹² –, a partir de 1964 o integralismo deixou de ter um referencial institucional para os líderes e também para a militância. Não existia uma sigla partidária ou movimento político de vulto para simbolizar alguma unidade integralista em escala nacional, passando a depender ainda mais de seu líder.

A partir de 1968 e em meio ao aprofundamento das práticas autoritárias, a presença da chamada “linha dura” dos militares na disputa do poder é tratada como uma possibilidade de fascistização do regime militar por setores da direita radical brasileira, nisto incluso os integralistas¹³. No entanto, essa possibilidade se mostrou pouco realista, em especial na suposta composição “integralista” da radicalização do regime militar.

Embora personagens historicamente ligados ao integralismo estivessem em atuação, não existia qualquer evidência concreta de filiação integralista de modo mais ativo. O integralismo, durante o regime militar, acabou por voltar à condição de “substrato”, de onde só viria a emergir assim que as condições fossem propícias, ao menos na lógica e discurso militante.

De certo modo, essa proposição era defendida também por Plínio Salgado, todavia ao mesmo tempo em que superestimava o poderio e seu contingente militante. Em entrevista publicada em maio de 1970¹⁴, o líder integralista afirmou que o movimento integralista contava, naquele momento, com cerca de 700 mil militantes que seriam convocados quando do interesse do “Chefe Nacional”. Além da militância de base, os integralistas teriam representação (cerca de cem membros) na Câmara dos Deputados e

¹² GONÇALVES, Leandro Pereira. Corporativismo e transnacionalismo na ARENA: Portugal como inspiração na Ação Parlamentar de Plínio Salgado. *Tempos Históricos*, v. 19, 2015, p. 358-377.

¹³ TRINDADE, Hélgio. O radicalismo militar em 64 e a nova tentação fascista. In: SOARES, Gláucio Ary Dillon; D’ARAÚJO, Maria Celina (Orgs.). *21 anos de regime militar: balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

¹⁴ A volta do “Chefe”, *Revista Veja*, São Paulo, 13 de maio, p. 20-23, 1970.

de outros membros na hierarquia do Executivo Federal, fatores que indicariam uma possibilidade de presença marcante no governo, ou mesmo da direção nacional.

A realidade, sem dúvida, era contrastante ao discurso de Plínio Salgado. Durante a década de 1970, os integralistas dividiam-se em pequenas organizações sem grande relevância política, como a União Operária e Camponesa do Brasil (UOCB), a Confederação dos Centros Culturais da Juventude (CCCJ), entre outros. Parte dessas organizações eram resquícios do período anterior e da estrutura *perrepista*, mas que continuaram a existir, pois somente os partidos políticos haviam sido extintos.

A CCCJ, por exemplo, era destinada à formação da juventude a partir da doutrina integralista, de modo que esses jovens poderiam atuar além das instituições burocráticas habituais. Já a UOCB, de orientação sindical, era um instrumento para diversificar a atuação integralista, assim como para romper o avanço de forças comunistas, socialistas e de demais tendências progressistas no Campo e nos centros urbanos.

A partir de 1969, a UOCB passou a contar com uma publicação periódica, o jornal “Renovação Nacional” que, de certo modo, viria a substituir o jornal “A Marcha” (ligado ao PRP) como o principal periódico integralista durante o regime militar. No entanto, a tiragem e o alcance de “Renovação Nacional” estavam muito aquém dos antigos periódicos integralistas.

Intitulado como “Boletim Noticioso e de Divulgação Doutrinária”, “Renovação Nacional” é um material de grande importância para compreender a fragmentação integralista durante o regime de exceção, além da forma como os integralistas lidavam com o regime militar. Além disso, auxilia a compreender qual foi o impacto da morte de Plínio Salgado para os integralistas e, futuramente, às novas formas de organização e sua relação com o processo de abertura política.

Com periodicidade variável (bimestral, trimestral, etc.), “Renovação Nacional” contava com um corpo editorial em grande maioria oriundo de outras organizações integralistas, ainda que nenhum deles fosse figura de proa. O principal responsável pelo jornal era o advogado Jader Medeiros, presidente da UOCB. Durante a década de 1950, Medeiros havia sido presidente de uma associação classista de motoristas¹⁵, assim como atuante e divulgador das candidaturas do líder do PRP.

¹⁵ DITZEL, Carmencita de Holleben Mello. *Manifestações autoritárias: o integralismo nos campos gerais*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, 2004, p. 203.

Além de Medeiros, o periódico contava com colaboradores atuantes em diversos momentos do movimento integralista: Absalão da Costa, por exemplo, foi julgado pelo Tribunal de Segurança Nacional pelo envolvimento na tentativa de Assalto ao Arsenal da Marinha em 11 de maio de 1938, durante a insurreição integralista¹⁶. Américo Ribeiro de Araújo, também atuante no integralismo nos anos 1930, foi autor da obra “Economia dirigida”, em que discutia o Estado Integral em seus moldes corporativos, assim como dialogava com o antisemitismo de Gustavo Barroso¹⁷, já na década de 1960 constava como filiado à Arena e candidato a Deputado pelo estado do Rio de Janeiro¹⁸.

O General Jayme Ferreira da Silva havia sido filiado ao PRP, além de ter sido um dos signatários da “Carta Aberta à Nação Brasileira”, em que os integralistas buscavam negar o caráter fascista e totalitário da AIB¹⁹. Antônio Guedes de Holanda havia sido colunista da Revista A Cruz, órgão da imprensa católica de inspiração ultramontana, que circulou entre 1951 e 1973²⁰, entre outros. Já o Departamento de Publicidade do periódico contava com Adail Gastão, que havia em 1938 devido a atividades integralistas²¹; Antônio Hostin Samy (ex-filiado ao PRP) e, em especial, Arcy Lopes Estrella, que além de ter sido membro da AIB, participou de outras organizações como a própria UOCB, e presidiu da União dos Lavradores do Estado do Rio de Janeiro, que seguia os moldes de atuação da própria UOCB. O periódico contava também com a função de “Colaboração Especial” a cargo de Plínio Salgado, que era também o Presidente de Honra da UOCB.

A continuidade de atuação da UOCB, assim como a organização de um periódico integralista sem a orientação geral de Plínio Salgado, pode ser interpretada tanto como um resquício da ramificação integralista desde os anos 1940 (afinal, o PRP era a principal, mas não a única organização integralista), quanto ao aumento de uma disputa

¹⁶ Tribunal de Segurança Nacional: Denunciados os participantes do assalto ao Arsenal da Marinha. *Correio Paulistano*. 17/07/1938, p. 01.

¹⁷ ARAUJO, Américo Ribeiro de. *Economia Dirigida*. Rio de Janeiro: Coelho Branco Filho Editor, 1936.

¹⁸ Quem é candidato. *Correio Da Manhã*, 13/11/1966, p. 5.

¹⁹ Cf. Hemeroteca Gustavo Barroso\26 – 1939 2º Semestre a 1942 1º Semestre.

²⁰ BOTELHO, Marcelo de Azevedo. A censura moral de Jânio Quadros nas representações da imprensa católica do estado da Guanabara em 1961. *Boletim Historiar*, n. 08, mar./abr. 2015, p. 03-18.

²¹ MACEDO, Janaína Santos de. *Campos de concentração em Santa Catarina e os conflitos envolvendo alemães e descendentes durante o Estado Novo*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, 2007, p. 219)

de legitimidade no campo integralista ao longo do regime militar. Embora o líder integralista fosse presença constante em “Renovação Nacional”, o periódico demonstrava ter relativa autonomia editorial, inclusive face ao próprio regime militar.

Um desses pontos de tensionamento evidenciados por meio de “Renovação Nacional”, era em relação à questão agrária, caracterizada como um déficit político da ditadura, a partir da qual possibilitaria a organização de entidades “marxistas” no campo. É necessário levar em consideração, também, que a proposição era também uma assertiva não somente dos integralistas, mas principalmente da UOCB, que afirmava:

Este é o rumo da Revolução, da verdadeira Revolução Brasileira, queiram ou não queiram os liberalóides ou reacionários de todos os matizes. A obra de integração nacional deve começar ampliando a nossa força nos mares e se completando na conquista do imenso oceano de florestas completamente distantes da Civilização, do conforto e do desenvolvimento. É PRECISO INTEGRAR PARA NÃO ENTREGAR. (Revolução Agrária: o Grande Desafio. *Renovação Nacional*, Ano II, Maio/Junho de 1970, n. 9, p. 8 – grifo do original)

Ainda que o periódico assumisse uma condição de difusor de certa independência ou, em última instância, de veículo institucional da UOCB, a necessidade de reivindicação de legitimidade integralista era contínua. Essa estratégia era composta tanto pela publicação de textos de Plínio Salgado, quanto na tentativa de encontrar similaridades entre as duas prováveis lideranças (Plínio Salgado e Jader Medeiros), inclusive na data de nascimento de ambos: “Acontece que Plínio Salgado faz anos no dia 22 de janeiro, data em que também aniversaria o nosso Companheiro Jader Medeiros”²².

Além disso, o periódico fazia uso de estratégias mais enfáticas, promulgando que deveria ser reconhecido como “jornal de todos os integralistas”:

Já tivemos oportunidade de comentar, em artigo anterior, uma carta do nosso eminente Chefe Plínio Salgado, na qual afirmou êle, categoricamente, que RENOVAÇÃO NACIONAL DEVE SER O

²²Aniversário de Plínio Salgado: Um Nome Consagrado. *Renovação Nacional*, Ano II, Jan./Fev., 1972, p. 02.

JORNAL DE TODOS OS INTEGRALISTAS DO BRASIL e no final do mesmo artigo, salientamos “Diante disso, mister se torna, portanto, que TODOS OS INTEGRALISTAS DO BRASIL cientes e conscientes dêsse importante pronunciamento de Plínio Salgado, façam da RENOVAÇÃO NACIONAL, real e efetivamente, O SEU JORNAL, dando-lhe apoio moral e a sua indispensável colaboração financeira, para que êle possa continuar a desenvolver as suas atividades e como JORNAL PADRÃO DA IMPRENSA BRASILEIRA, continue cumprindo a sua grande missão histórica, sustentando e propagando, impávida, corajosa e patrioticamente, os sagrados e imortais princípios doutrinários e programáticos do Integralismo, cuja Bandeira precisa ser transmitida, sem perda de tempo, às Novas Gerações do Brasil. (MEDEIROS, Jader. A Campanha dos 5.000 Assinantes para Renovação Nacional. Renovação *Nacional*, Ano II, Jan./Fev., 1972, p.7 – Grifos do original).

Em 1973, Jader Medeiros publicou a obra “A força de um pensamento”, uma reunião de textos veiculados majoritariamente em “Renovação Nacional”, onde é possível observar a tentativa de enlaçamento aos posicionamentos de Plínio Salgado – “De fato, Plínio Salgado está falando a verdade quando afirma que ‘os meninos estão no poder’. E não poderia deixar de ser, porque os integralistas de todo o Brasil, civis e militares, participaram ativamente dessa Revolução de 1964”²³.

Os textos intercalam o apoio ao regime militar, a campanha ao voto nos candidatos da Arena nas eleições (e não apenas em integralistas²⁴), assim como a defesa de um aprofundamento da “revolução” e a implantação de uma democracia orgânica, baseada no corporativismo e na representação classista, plataforma histórica dos integralistas²⁵.

Ao longo dos textos, existe um afastamento da caracterização da UOCB como uma entidade integralista e a conseqüente tentativa de filiação da entidade ao regime militar – “A União é considerada uma associação de utilidade pública, totalmente apolítica [...] há entrosagem total entre o Governo e a União Operária e Camponesa”²⁶. Em outros momentos, a mensagem era inequívoca: Renovação Nacional (e, por extensão, a própria UOCB), deveria ser o jornal de todos os integralistas brasileiros.

²³ MEDEIROS, Jader. *A força de um pensamento*. Rio de Janeiro: UOCB, 1973, p. 17.

²⁴ MEDEIROS, Jader. *A força de um pensamento*. Rio de Janeiro: UOCB, 1973, p. 68.

²⁵ MEDEIROS, Jader. *A força de um pensamento*. Rio de Janeiro: UOCB, 1973, p. 100-103.

²⁶ MEDEIROS, Jader. *A força de um pensamento*. Rio de Janeiro: UOCB, 1973, pp. 107-109.

É possível compreender, portanto, que existia um movimento de tensionamento em torno das possibilidades de institucionalização do integralismo durante o regime militar, seja entre militância e liderança, ou mais provavelmente entre Plínio Salgado e Jader Medeiros. De fato, a UOCB nunca chegou a ser um órgão oficial integralista, assim como não foram encontradas evidências que indiquem que o regime militar conjecturou sobre a oficialização da entidade como suporte da ditadura. Na realidade, de acordo com Renato Alencar Dotta, as forças de repressão da ditadura chegaram a monitorar as atividades de Jader Medeiros e da UOCB²⁷.

Para João Fábio Bertonha²⁸, a relação entre o líder integralista e a figura emergente de Medeiros não era tão especial quanto os textos em “Renovação Nacional” buscavam anunciar. Em dada ocasião, Medeiros enviou uma carta a Plínio Salgado, solicitando que o parlamentar providenciasse um cargo ou emprego ao editor. A resposta demonstra que Plínio Salgado não tinha um grande poder junto ao núcleo político do regime militar, mas também que Jader Medeiros não detinha um trânsito tão especial com o líder integralista. De qualquer modo, Jader Medeiros permaneceu como presidente (vitalício) da UOCB, e tentou organizar outros grupos integralistas durante as décadas de 1960 e 1970.

Em novembro de 1972, a revista “Opinião”²⁹ noticiou uma reunião de fundação da Cruzada de Renovação Nacional (CRN), órgão de difusão do ideal integralista, na pequena cidade de Itabirito, interior de Minas Gerais. De acordo com a reportagem, a reunião havia sido amplamente divulgada, mas teria contado com apenas dezessete participantes. Em “A força de um pensamento”, Jader Medeiros discorre sobre a necessidade de criar “um grande e vigoroso Movimento Cívico-Cultural”³⁰ que contemplasse os trabalhadores do campo e da cidade (tal qual atribuição da UOCB) e especialmente a classe média urbana, base social histórica do integralismo.

O planejamento inicial seria o lançamento da CRN em 07 de outubro de 1972, justamente no quarentenário de fundação da AIB, em 1932. No entanto, o lançamento

²⁷ DOTTA, Renato Alencar. *Elementos verdes: os integralistas brasileiros investigados pelo DOPS-SP (1938-1981)*. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, 2016, p. 282.

²⁸ BERTONHA, João Fábio. *O Integralismo e sua história*. Curitiba: Educon, 2014, p. 101.

²⁹ GUIMARÃES, Durval; CARDOSO, Jary. Os velhos senhores. *Opinião*, n. 1, 06 a 13 de novembro, 1972, p. 4.

³⁰ MEDEIROS, Jader. *A força de um pensamento*. Rio de Janeiro: UOCB, 1973, p. 117.

da organização foi cancelado a pedido de Plínio Salgado³¹, que temia a cobertura da imprensa, em especial da possibilidade da CRN ser tratada como uma organização de caráter político e não de cunho “Cívico-Cultural”.

Uma das prováveis preocupações era a possibilidade de a *Cruzada* ser tratada como um órgão integralista de subversão ou alternativo ao regime militar, como é possível auferir a partir do desmentido de Jader Medeiros sobre os propósitos da organização: “em benefício da Revolução e do Brasil, que, face àquele adiantamento, frustrada em suas maquiavélicas intenções, chegou dita imprensa a insinuar uma suposta proibição do Governo Revolucionário, através do Ministério da Justiça, para o seu lançamento”³².

A partir dessa conjuntura, é possível delinear uma perspectiva de ambivalência para a militância integralista. Entre Plínio Salgado como detentor de laço histórico do integralismo dos anos 1930 e o regime militar, como expressão do autoritarismo em voga, a criação de uma entidade integralista necessitava buscar alguma intermediação, fosse para não desprestigiar o “Chefe Nacional”, mas também para não ir de encontro ao regime militar. De qualquer maneira, a UOCB buscou se consolidar como principal entidade integralista do período.

Em setembro de 1975, Renovação Nacional publicou o folheto “Ser integralista – não ser integralista”, de Genésio Pereira Filho, sobrinho de Plínio Salgado e integralista desde os tempos de AIB. Publicado originalmente na década de 1950³³, a publicação em 1975 traz em seu prefácio (intitulado “Razões desta edição”) a seguinte passagem:

[...] julga RENOVAÇÃO NACIONAL, porta-voz do Integralismo no Brasil, ser oportuno o lançamento de uma nova edição desse magnífico trabalho de Genésio Pereira Filho, pois o Pensamento Integralista continua exercendo uma forte influência na vida brasileira, através da atuação de políticos e intelectuais formados na escola de Plínio Salgado, despontando como a Doutrina Político-Social do Futuro³⁴

³¹ MEDEIROS, Jader. *A força de um pensamento*. Rio de Janeiro: UOCB, 1973, p. 151.

³² MEDEIROS, Jader. *A força de um pensamento*. Rio de Janeiro: UOCB, 1973, p. 157-8

³³ CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. *A Enciclopédia do Integralismo: lugar de memória e apropriação do passado (1957-1961)*. Tese (Doutorado em História), Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2010.

³⁴ PEREIRA FILHO, Genésio. *Ser Integralista – Não Ser Integralista (O Eterno e o Efêmero)*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Renovação Nacional, 1975, p. 3 (grifo do original).

A escolha pela publicação do texto era propícia naquele dado momento, em especial porque Genésio Pereira afirmava que o integralismo era um movimento perene, presente em diversas organizações políticas, inclusive naquelas não necessariamente integralistas – “Somos um movimento para a Eternidade. E quem afirma para a eternidade, caminha para o Bem Supremo, alvo último de nosso destino: DEUS”³⁵. Logo, a entidade (fosse UOCB ou a CRN) deveria manter em salvaguarda a ideologia integralista, para uma efetiva reorganização quando fosse necessário ou possível.

Em 08 de dezembro de 1975, com o falecimento de Plínio Salgado, ocorre uma profunda modificação na conjuntura integralista. Estava desfeito o elo histórico entre a AIB e os integralistas remanescentes em meio ao regime militar. Em contrapartida, abria-se a vaga para a disputa de uma liderança. Mas qual era a dimensão dessa liderança e qual era o real poder dos integralistas desde 1964? Sem dúvida, era diminuta. Um indício efetivo do declínio integralista pode ser mensurado na ritualística envolvendo o falecimento de Plínio Salgado ou, mais propriamente, na inexistência de uma ritualização própria a envolver a militância.

Durante os anos 1930, a Ação Integralista Brasileira estabelecia ritos e fazia uso da exterioridade estética de seus militantes por meio de adereços e uniformes, assim como de diversas outras facetas constituintes de suas identidades e trajetórias individuais. Além dos rituais que cobriam eventos como batizados, casamentos ou festividades integralistas, existia também um rito de passagem (ou “necrofilia política integralista”³⁶), em que o militante integralista passava das milícias terrenas às milícias d’além, em que seria comandado por Deus. A inexistência dessa ritualística naquela que era a principal liderança integralista demonstra que o movimento estava em franco declínio.

Estando Plínio Salgado ao lado de Deus nas milícias do além, a militância estava amparada no plano espiritual, mas desguarnecida no plano político, o que acabou por abrir uma vaga na liderança dos integralistas remanescentes. A primeira edição de “Renovação Nacional” no ano de 1976 demonstra de forma efetiva essa condição. O texto “Espírito Imortal de Plínio Salgado continuará velando sobre o Brasil” trazia

³⁵ PEREIRA FILHO, Genésio. *Ser Integralista – Não Ser Integralista (O Eterno e o Efêmero)*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Renovação Nacional, 1975, p. 12 (grifo do original).

³⁶ FAGUNDES, Pedro Ernesto. Morte e memória: a necrofilia política da Ação Integralista Brasileira (AIB). *Varia Historia*, v. 28, n. 48, Belo Horizonte, Jul./Dec., 2012.

longas homenagens ao falecido líder, assim como demonstrava o caráter perene da ideologia integralista e sua relação com Jader Medeiros.

De tal sorte Plínio Salgado alcançou a importância de RENOVAÇÃO NACIONAL para o nosso Movimento, que [...] determinou a realização de uma reunião informal com os companheiros de Minas Gerais, na qual, de comum acordo com todos os Integralistas presentes, resolveu lançar a CRUZADA DE RENOVAÇÃO NACIONAL, aproveitando o nome de nosso Jornal para o prosseguimento da Grande Marcha por ele iniciada em 1932 [...] Durante esses últimos três anos, RENOVAÇÃO NACIONAL continuou sustentando e defendendo a ideia da efetiva concretização da CRUZADA, como era do desejo do nosso saudoso Chefe e a maior aspiração de todo o Brasil.³⁷

A tentativa de legitimar a CRN como principal organização integralista após a morte de Plínio Salgado era evidente. Além disso, a edição de “Renovação Nacional” era apresentada como “Órgão Oficial da UOCB e da Cruzada de Renovação Nacional”, assim como acompanhava uma listagem de representantes do grupo, em um total de 47 integralistas³⁸ residentes em diversos estados.

Portanto, ao mesmo tempo em que se enunciava o pesar pela partida da liderança de Plínio Salgado tal qual no poema “Adeus, verde esperança!” (de autoria de G. Guimarães Corrêa³⁹), um passado considerado pujante pela militância integralista estava em vias de ser retomado pela Cruzada de Renovação Nacional. De certo modo, o pêndulo da memória integralista voltaria a se movimentar.

Ao longo do ano posterior à morte do líder integralista, “Renovação Nacional” voltou a noticiar as homenagens ao líder integralista, não despropositadamente de modo concomitante às notícias referentes à organização da CRN.

Descrito como “o grande movimento cívico-cultural da hora presente”, noticiava-se a posse de Alfredo Chrispim (“antigo Secretário Particular e Plínio Salgado”) como novo presidente da organização, que conclamava a militância, afirmando: “Já tivemos

³⁷ MEDEIROS, Jader. Espírito Imortal de Plínio Salgado Continuará Velando Pelo Brasil. *Renovação Nacional*, jan./fev., 1976, p. 6.

³⁸ *Renovação Nacional*, jan./fev., 1976, p. 2.

³⁹ CORRÊA, G. Guimarães. “Adeus, verde esperança!”. *Renovação Nacional*, jan./fev., 1976, p. 12.

umas férias muito longas e chegado é o momento de novamente tomarmos posição na defesa das tradições cristãs e dos ideais democráticos da Nação Brasileira”.⁴⁰

Embora a liderança do grupo não estivesse a cargo de Jader Medeiros, é possível notar o esforço em demonstrar a liderança do responsável por “Renovação Nacional”. A participação de Medeiros na ocasião do quadragésimo sexto aniversário do Manifesto de Outubro (ou, mais propriamente, da fundação da AIB) foi saudada em tons de reconhecimento à capacidade de interpretação dos anseios dos militantes e do próprio movimento: “O primeiro orador da Solenidade foi o companheiro Dr. Jader Medeiros, que definiu a posição dos Integralistas face à conjuntura nacional, com palavras claras e incisivas”⁴¹.

Com o passar dos anos, as estratégias de Jader Medeiros e de “Renovação Nacional” como baluarte do movimento (neo)integralista⁴² ficam mais evidentes. Na edição de março/abril de 1978, foi realizada a divulgação do símbolo oficial da *Cruzada*, que misturava elementos das duas mais importantes fases institucionais do movimento integralista: a constelação Cruzeiro do Sul como referência simbólica aos *plinianos* (porção mais jovem da juventude integralista da Ação Integralista Brasileira) e o sino do Partido de Representação Popular, que substituiu o tradicional Sigma integralista na fase inicial da legenda, simbolizando o sinal de alerta aos perigos à nação brasileira.

⁴⁰ Prossegue a Organização da Cruzada em Todo o Brasil. *Renovação Nacional*. Maio/Junho, 1976, p. 5.

⁴¹ General Hugo Silva Enaltece Manifesto de Outubro e Renovação Nacional. *Renovação Nacional*, Setembro/Outubro, 1978, p. 1.

⁴² Acerca da definição do termo “neointegralismo”, cf. CALDEIRA NETO, Odilon. Integralismo contemporâneo ou Neointegralismo? Sobre a viabilidade e possibilidades de uma definição. In: BOHOSLAVSKY, Ernesto; ECHEVERRÍA, Olga. (Org.). *Las derechas en el cono sur, siglo XX*. Los Polvorines: Instituto del Desarrollo Humano, Universidad Nacional de General Sarmiento, 2014, p. 82-113.



Fig. 1 – Símbolo da Cruzada de Renovação Nacional (reprodução)⁴³

Na mesma página, era reproduzida uma campanha que convocava os militantes integralistas a realizarem pedidos, em suas respectivas cidades, para nomeação de logradouros com o nome de Plínio Salgado. A campanha, adotada por “Renovação Nacional” desde o falecimento de Plínio Salgado, realizaria a mediação entre o passado-presente, personificado na constante presença de Plínio Salgado, com o horizonte de expectativas projetado na organização da Cruzada de Renovação Nacional.

No entanto, a conjuntura não era particularmente vantajosa para a reorganização do integralismo, sobretudo por dois fatores. No ano de 1975, iniciava-se o processo da transição democrática, de modo instrumentalizado, controlado e, sobretudo, lento. Entre 1975 e 1985, quando seria eleito o primeiro presidente civil pelo voto indireto, são várias as modificações em termos legais e, principalmente, da ossatura de um Estado autoritário.

Em 1978, ocorreu o fim do Ato Institucional n. 5 (AI-5), que havia sido o mais profundo instrumento de institucionalização da censura e da repressão política no país desde 1964. Apoiado pelos integralistas e em particular por Plínio Salgado, o AI-5 estabeleceu uma conjuntura onde o discurso integralista, marcado pelo

⁴³ *Renovação Nacional*, Março/Abril, 1978, p. 2.

conservadorismo e apelo à moral, encontrava relativa ressonância, daí um dos motivos para a frase “os meninos estão no poder”, proferida pelo líder integralista.

No ano posterior, chegou ao fim o sistema bipartidário e, conseqüentemente, o retorno ao pluripartidarismo. Nesse contexto, se por um lado a abertura política possibilitou novas formas de organização dos integralistas, inclusive por meio de siglas partidárias, eles haveriam de dialogar com uma tônica anti autoritária ou simplesmente não-autoritária em voga, em condições bastante diversificada ao contexto pré-1964 ou das fases de mais intensas formas de repressão. Logo, a conjuntura implicou para a não-difusão de um discurso autoritário, antidemocrático e profundamente marcado pela relação com o fascismo histórico, tal qual o integralismo e os integralistas.

Além dos aspectos conjunturais que fugiam ao controle dos integralistas, iniciava-se um período turbulento aos remanescentes integralistas. O falecimento de Plínio Salgado trouxe implicações na disputa de liderança, envolvendo desde grupos relativamente organizados (como aparentemente era o caso da Cruzada de Renovação Nacional ou da própria UOCB), assim como de tendências que defendiam que a liderança passaria diretamente pelo crivo da viúva de Plínio, D. Carmela Salgado, ou de grupos reunidos em outros possíveis líderes do integralismo pós-Plínio Salgado, como era o caso do advogado Anésio de Lara Campos Júnior⁴⁴.

A Cruzada de Renovação Nacional marca, na realidade, o início de um período turbulento na militância (neo)integralista, com disputas que seriam relativamente solucionadas apenas na passagem do século XXI. De qualquer maneira, a *Cruzada* teve vida efêmera, como é possível observar em edições da década de 1980 de “Renovação Nacional”, onde são noticiados os esforços de criação não mais de uma *Cruzada*, mas sim de uma “Ação Integralista de Renovação Nacional”⁴⁵, quando o jornal adota a simbologia integralista de modo explícito, apropriando-se do símbolo dos tempos de AIB.

⁴⁴ Cf. CALDEIRA NETO, Odilon. *Sob o Signo do Sigma: Integralismo, Neointegralismo e o Antissemitismo*. Maringá: Editora Universidade Estadual de Maringá, 2014.

⁴⁵ Ação Integralista de Renovação Nacional, *Renovação Nacional*, Jan./Fev./Mar, 1984, p. 5.

3. Considerações

O período do regime militar marca a modificação da composição do integralismo brasileiro. Entre 1932 e 1975, Plínio Salgado desempenhou não somente o papel de liderança do movimento integralista, mas sobretudo a personificação na crença de um futuro alternativo, em que os integralistas por ventura chegariam ao poder. Daí, portanto, a “esperança verde” que residia no escritor e político nascido em 1895.

No entanto, a diminuição do poderio do líder integralista e, por consequência, do próprio movimento, acabou por forçar os integralistas à condição de meros coadjuvantes, não apenas do cenário político nacional, mas inclusive do campo da direita radical. Se a partir de 1932 a Ação Integralista Brasileira conquistou a condição de primeiro movimento de massa da história política brasileira e maior organização fascista além do continente europeu, as décadas posteriores foram marcadas por um franco declínio.

Em 1975, com a morte de Plínio Salgado, a situação é agravada, de modo que a disputa pela legitimidade da liderança integralista, assim como a herança de um capital político remanescente, algo já em disputa ao longo do regime militar, seria uma das grandes causas para o aprofundamento desse quadro de declínio e fragmentação. Além disso, o processo da construção de uma memória coletiva, onde a sociedade civil brasileira seria majoritariamente “resistente” ao regime militar, acabou por dificultar ainda mais as esperanças integralistas.

Recebido em: 21 de Janeiro de 2019.

Aprovado em: 19 de Abril de 2019.